

# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado.

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em

solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades.” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenúncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos

sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ISABEL O MUERTE!**: **O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)**, a autora Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski, busca investigar procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”. No artigo **OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER** o autor ou autora CLAUDIA PEIXOTO CABRAL, buscam abordar a relação de dominação e controle, exercida pelo Estado, no contexto histórico dos protestos de junho de 2013, a partir da concepção de construção discursiva em ocorre a criação de uma imagem que instaura uma representação estereotipada discriminatória da ação coletiva e do sujeito manifestante. No artigo **A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO**, os autores Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza buscam analisar o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e,

esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. No artigo **A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** o autor Gabriel Pancera Aver buscou-se analisar de forma pormenorizada dois desafios enfrentados pela democracia representativa, a saber, a dificuldade de separar representantes e representados, a formação de uma elite política distanciada das massas e a ruptura do vínculo entre a vontade dos representantes e a dos representados. No artigo **A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA** a autora Érica Elisa Nickel, apresentou os resultados de pesquisa do programa de educação para o trânsito, direcionada à pessoa idosa, denominado “Boa prosa sobre trânsito” ocorrido em Curitiba, no Paraná, entre 2014 e 2016, realizado por uma organização não governamental. No artigo **A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO**, as autoras Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha, objetivo deste é elucidar a necessidade da implantação do pensamento complexo, para o processo de aprendizagem do coordenador pedagógico como formador de professor, na abordagem transdisciplinar. No artigo **A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA**. As autoras Andréia de Oliveira Militão e Angela Maria Sales Barros buscam trazer informações relevantes sobre a DA com ênfase à genética e aos novos avanços, coletadas, através de revisão bibliográfica, e anteriormente publicadas em revista científica e anais de congresso, foram reorganizadas e disponibilizadas de forma a facilitar o conhecimento sobre a doença, ao acesso e contribuir com pesquisas voltadas ao entendimento da doença. No artigo **A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE** a autora Amanda Rebeka Lima de Souza buscou se, no presente trabalho, compreender os modelos de gestão que são usados atualmente na regional do Alto Acre. Avaliar a dinâmica territorial é fundamental para a pesquisa. Para isso, foi necessário o levantamento de documentos, leis e projetos em escala nacional, estadual e municipal. De acordo com os resultados encontrados, as políticas públicas implantadas na regional não atendem a maior parte da população que habita ali. No artigo **A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ** as autoras Janaiára Maria de Paiva Ferreira e Sandra Maria Fontenele Magalhães buscam entender o processo de luta dos camponeses pela conquista da terra do assentamento Ubá do município de Santa Quitéria- Ceará, buscando apreender como os camponeses resolveram resistir e lutar contra a dominação dos latifundiários. No artigo **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**, os autores Everton Gabriel Bortoletti e Laise Ziger buscam identificar os desafios e potencialidades da participação social no Conselho Municipal de Política Cultural de Chapecó (CMPC), tendo em vista suas peculiaridades de atribuições, composição e representação. No artigo **A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO, os autores Fernanda Penteado, Alison Diego Leajanski, Willian Samuel Santana da Roza buscam pontuar os principais fatores que podem configurar a prática da agricultura familiar enquanto possibilidade de permanência das pessoas no espaço rural, destacando alguns aspectos referentes ao êxodo rural e a sua problemática, assim, apresentar uma discussão teórica e conceitual. No artigo **A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA** busca analisar a moda não é somente a escolha do vestuário, mas está ligada a formas culturais de expressão e principalmente de linguagem. É através dela que o sujeito pode demonstrar sua personalidade, seus costumes e representar uma dada forma de ser, atribuindo significados e valores para essa ação. Acredita-se que todos esses significados englobam a semiótica e moda que dentro dessa perspectiva é vista como um produto cultural desses significados. No artigo **A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA**, os autores Isa Stavracas, Ana Lee Claudio, Rebeca Josiane Ferreira da Silva, Sandra Esteves de Camargo, Vanessa Alves Duarte de Oliveira, buscar fazer uma análise da transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar como os níveis de ensino se articulam para dar continuidade aos processos que envolvem o lúdico que se iniciam na educação infantil e devem se formalizar nos anos iniciais do ensino fundamental I – Ciclo de Alfabetização. No artigo **A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA** os autores Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida, Universidade, Stefani Monique Vasconcelos, Sheila Marta Carregosa Rocha, buscam investigar o seguinte: De que forma o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta a Terceira Idade” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia pode contribuir com a inclusão social e otimização do bem-estar dos idosos residentes na cidade de Brumado – Ba. No artigo **AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO**, os autores Helane Santana Cruz e Vínicius Zacarias Maldaner da Silva buscam relatar o caso de uma idosa atendida pela equipe de estratégia saúde da família na cidade de Brasília-Distrito Federal. Método: estudo observacional, do tipo relato de caso, conduzido à uma idosa da comunidade durante a visita domiciliar. Os dados foram coletados por meio do questionário VES-13. No artigo **CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia e Mara Rúbia Rutzen realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental para comparação e discussão com a realidade do Centro de Saúde do Idoso de Blumenau. No artigo **COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI**, Matheus Alexandre Razera, Valter Martins analisar diferentes receitas e a prática de preparar cerveja artesanal, descobrir como este saber é aprendido e repassado. Para tanto

utilizamos o método da História Oral e textos teóricos sobre História da Alimentação. No artigo **CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, os autores José Daniel Soler Garves, Andrezza Santos Flores, Cibele Diogo Pagliarini, Ângela Coletto Morales Escolano buscam discutir a importância do uso consciente da água, os motivos dessa escassez, as consequências do uso inadequado e a necessidade de redução do consumo de água. No artigo **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**, os autores Auristela Duarte Moser, Fernanda Cury Martins Teigão, Kethelyn Contente Alves, buscam Construir um instrumento multidisciplinar de avaliação da funcionalidade em idosos institucionalizados baseado na CIF e validá-lo com especialistas da área. No artigo **DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)**, a autora Pamela da Costa Lopes Sales busca apresentar os laços de sociabilidade e as situações de conflito vividos pelos moradores, antes e após a política urbanística de regularização implementada pelo poder público municipal. No artigo **DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**, os autores Ana Elisa Nardo Caseri e Carmem Lúcia Sussel Mariano buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. No artigo **EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: o papel da formação continuada**, os autores Maria Almerinda de Souza Matos, Cátia de Lemos, Claudenilson Pereira Batista buscaram relatar os avanços na educação de uma criança cega a partir da formação continuada para a mãe e a professora. No artigo **ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMAR DO SÉC. XXI**, os autores Marcia Scavinski e Valter Martins analisar mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedadeiras ao longo do tempo, compreendendo as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA <i>EL CAUDILLO</i> (1973-1975)	
Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski	
DOI 10.22533/at.ed.7601924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER	
Claudia Peixoto Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.7601924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>35</b>
A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Mariele Rodrigues Correa	
Leonardo Lemos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA	
Gabriel Pancera Aver	
DOI 10.22533/at.ed.7601924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA	
Érica Elisa Nickel	
DOI 10.22533/at.ed.7601924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO	
Francisca Janice Silva	
Ana Paula Fernandes Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7601924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA	
Andréia de Oliveira Militão	
Angela Maria Sales Barros	
DOI 10.22533/at.ed.7601924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE	
Amanda Rebeka Lima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ	
Janaiára Maria de Paiva Ferreira Sandra Maria Fontenele Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7601924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS	
Everton Gabriel Bortoletti Laise Ziger	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO	
Fernanda Penteado Alison Diego Leajanski Willian Samuel Santana da Roza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA	
Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA	
Isa Stavracas Ana Lee Claudio Rebeca Josiane Ferreira da Silva Sandra Esteves de Camargo Vanessa Alves Duarte de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO	
Isa Stavracas Fernanda Alexandre dos Santos Loide Giacometti Bervanger Stefani Leite Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA	
Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida Stefani Monique Vasconcelos Sheila Marta Carregosa Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO	
Helane Santana Cruz Vínicius Zacarias Maldaner da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Mara Rúbia Rutzen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI	
Matheus Alexandre Razera Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
José Daniel Soler Garves Andrezza Santos Flores Cibele Diogo Pagliarini Ângela Coletto Morales Escolano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>216</b>
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	
Auristela Duarte Moser Fernanda Cury Martins Teigão Kethelyn Contente Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)	
Pamela da Costa Lopes Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240421</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>246</b>
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”	
Ana Elisa Nardo Caseri	
Carmem Lúcia Sussel Mariano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>258</b>
EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Maria Almerinda de Souza Matos	
Cátia de Lemos	
Claudenilson Pereira Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>270</b>
ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI	
Marcia Scavinski	
Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240424</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>287</b>

## A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO

### **Camila Cuencas Funari Mendes e Silva**

Discente do Doutorado do Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/ASSIS

### **Mariele Rodrigues Correa**

Coorientadora e Docente do Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/ASSIS

### **Leonardo Lemos de Souza**

Orientador e Docente do Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/ASSIS

**RESUMO:** O presente trabalho analisa o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e, esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. Reunimos narrativas de idosas (participantes de um programa para a Terceira Idade (UNATI/UNESP- Campus de Assis)) sobre seus corpos envelhecidos e usa como pressupostos teóricos autores da psicologia, antropologia e ciências sociais integrando diferentes campos de saber, que nos permitem refletir sobre o que está em cena: o corpo envelhecido, composto pelo desejo, pelo sofrimento, por renúncias. Corpo que abriga e compõe junto com sua realidade social e cultural uma subjetividade em constante desenvolvimento. A estética tem grande valorização em nossa sociedade, preconizando

e definindo o humano à beleza dos corpos, a capacidade produtiva, a força, a independência e ao poder aquisitivo. A velhice – e as diferentes faces do envelhecer, nesse contexto, passam a significar uma resistência frente em uma sociedade individualista, narcísica, que exige que a idosa seja principalmente bela e jovem. Assim, há de se refletir e tecer uma análise crítica sobre as vivências do envelhecimento feminino, seus efeitos na subjetividade no contemporâneo. Para fornecer uma estrutura clara e objetiva ao leitor, organizamos as narrativas colhidas em Oficinas terapêuticas em temáticas e, em seguida, trouxemos nossa análise e as referenciamos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento Feminino; Contemporâneo; Narrativas.

**ABSTRACT:** The present work analyzes feminine aging in the contemporaneity. The oldness has its history and, this, is determined at each time and each culture of different form. We congregate aged narratives of (participant of a program for the Third Age (UNATI/UNESP- Campus of Assis)) about their aged bodies and it uses as estimated theoreticians authors of psychology, anthropology and social sciences integrating different fields to know, that in they allow them to reflect on what it is scene: the aged body, composed for the desire, for the suffering, for resignations. Body that shelters

and composes, together with its social and cultural reality, a subjectivity in constant development. The aesthetic one has great valuation in our society, praising and defining the human being to the beauty of the bodies, the productive capacity, the force, independence and to the purchasing power. The oldness - and the different faces of aging, in this context, starts to mean a resistance front in an individualistic, narcissistic society, that it demands that the aged one is mainly beautiful and young. Thus, it has of it reflecting and weaving a critical analysis on the experiences of the feminine aging, its effect in the subjectivity in the contemporary. To supply a clear and objective structure to the reader, we organize the narratives harvested in thematic Therapeutical Workshops and, after that, we brought our analysis and we referenced them.

**KEYWORDS:** Feminine aging; Contemporary; Narratives.

## INTRODUÇÃO

“A vida é breve, mas cabe nela muito mais que somos capazes de viver.” “Nem a juventude sabe o que pode nem a velhice pode o que sabe” . (SARAMAGO, 2006, S/P). Tais frases são referências de José Saramago e a partir delas pensamos disparadores para uma introdução a questão na velhice na cena contemporânea.

As impressões e expressões da passagem do tempo, no contemporâneo, são associadas à velocidade; seja pela presença maciça e tão significativa do avanço tecnológico e dos interesses capitalistas que geram pessoas, desejos e manufaturas, seja pela imediatez que se apresenta em nossos dias, tal qual um líquido que escorre pelas mãos e evapora em um curto espaço de tempo.

Diante dessa ideologia produtivista a velhice é facilmente relacionada a decrepitude, fragilidade, pobreza e a privação. Sobre esta questão, Correa (2009, p. 28) afirma:

Atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só indesejável, mas a finitude humana também o é. Por isso, o envelhecimento permaneceu na orla social por tanto tempo como uma espécie de tabu, da ordem de um interdito em relação ao qual o silêncio seria o melhor aliado.(CORREA, 2009. p. 28).

Os dados demográficos nos auxiliam a tecer uma crítica ao conceito de velhice empregado no contemporâneo, e estes, nos indicam que o Brasil é um país de idosos. O aumento da expectativa de vida brasileiro acompanha a tendência mundial, reconfigurando o cenário social com novas demandas e novos desafios, trazendo a velhice para uma posição privilegiada nos lócus das discussões científicas. Pesquisas (BERQUÓ, 1999; VERAS, 2001; MYNAIO, 2011) realizadas em diferentes campos – Medicina, Antropologia, Psicologia, Sociologia, entre outros – apontam que os principais protagonistas do saudável envelhecimento da população são as inovações tecnológicas e científicas, com destaque para a indústria farmacêutica e as ciências da saúde, as quais contribuíram para uma maior longevidade humana.

De acordo com dados estatísticos oferecidos pela Diário Geral da União (2014)

(através ao acesso no endereço eletrônico: <http://agenciabrasil.ebc.com.br>) a expectativa de vida do brasileiro é de 75,2 anos, sendo esta uma média nacional que contempla o estado de São Paulo (local de realização deste trabalho) em que mulheres vivem em média 7,2 anos a mais que os homens, alcançando a média de 78,8 anos.

Uma das principais características do fenômeno contemporâneo do envelhecimento, no Brasil (que acompanha a tendência mundial), gira em torno do eixo socioeconômico que, por sua vez, conduz à possibilidade de um prolongamento da vida e um maior convívio entre diferentes gerações.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a velhice se inicia aos 65 anos, nos países desenvolvidos, e aos 60 anos, nos países ainda em desenvolvimento. Uma importante ressalva realizada pela OMS condiz no reconhecimento de que a idade cronológica “não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento, aonde fazer revigorar políticas sociais abrangentes somente na idade cronológica pode ser discriminatório e contraproducente. Todos esses números apresentam um prefácio, anunciando um país com novas demandas e necessidades. Ainda conforme um relatório elaborado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) com representantes de cada continente, prevalece uma grande desinformação sobre a saúde do idoso e suas particularidades, configurando um desafio para as políticas públicas no século XXI. (OMS, 2005).

Os conceitos e representações sobre o envelhecimento estão condicionados ao ideal de ciência e sociedade moderna, com a periodização dos ciclos de vida, ou seja, estão vinculados ao contexto sócio-histórico da Modernidade (SILVA, 2008). Contudo, sob a perspectiva do ciclo vital, o envelhecimento é definido pela OMS (Organização Mundial de Saúde, 2005) como um processo biopsicossocial com mudanças complexas a níveis biológicos e fisiológicos (com consequências nos processos moleculares e celulares que aumentam a probabilidade de doenças), psicológicos (com possíveis processos de lutas e perdas) e sociais (com a aposentadoria, por exemplo). A complexidade do processo de envelhecimento se caracteriza pelo fato de que “essas mudanças não são lineares ou consistentes e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos”. (OMS, 2005, s/p).

Ou seja, o envelhecer é multideterminado, multifacetado. Segundo Beauvoir (1990), “ (...) é o que acontece as pessoas quando ficam velhas, impossível encerrar essa pluralidade em um conceito, ou mesmo uma noção”. (BEAUVOIR, 1990, p. 345). Contra a qualquer expressão reducionista e homogênea com a concepção da velhice, os estudos da autora apontam que o tempo e a maneira para se viver é moldado pela sociedade a que se pertence. Neste sentido, Beauvoir (idem), sublinha a necessidade de pensarmos na totalidade do indivíduo, em que os processos fisiológicos, psíquicos e históricos são inseparáveis e se influenciam mutuamente.

Neste sentido, o pensamento contemporâneo está envolto por ideais de uma estética de eterna juventude associam a felicidade, saúde e bem estar a cremes e procedimentos de congelamento do tempo, e, com eles temos a desvalorização da

velhice concretizadas no corpo através de inovações tecno-científicas de poder, que controlam de corpos e subjetividades. (DEBERT, 1999; TÓTORA, 2010; POCAHY, 2011).

Tais movimentos são direcionados em sua maioria a mulheres, e aqui se faz um campo específico de nossa análise: o olhar ao envelhecer através de um recorte de gênero.

Essa própria categoria, mulher idosa, é heterogênea, multifacetada, plural. Recorde-se as diferentes idosas que se vê na rua: pobres, ricas e remediadas; brancas, pretas e pardas; mais velhas, menos velhas, conservadas; bem femininas, ou, até, parecendo homens; sérias e ridículas. Que têm em comum que as identifique como o objeto de nossa análise? (BRITO DA MOTTA, 2011, s/p).

Ainda contando com o apoio de dados demográficos os estudos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa) de 2010 ressaltam uma maior predominância de mulheres e igualmente mais envelhecidas. Elas representam 55,7% dos idosos: um dado comparativo ilustra que, para cada 100 mulheres idosas, há 81,6 homens idosos. Esse fator é denominado por estudiosos como a “feminização da velhice”, enfatizando-se a necessidade de estudos de gênero, devido a seu caráter multifacetado para o fenômeno do envelhecimento (CAMARANO, 2003; NERI, 2014).

Pesquisas realizados por Camarano (1999; 2003; 2004;) retratam a existência de um maior número de viúvas em comparação a outras faixas etárias, evidenciando um dado arraigado a nossa cultura: o de que a maioria das esposas são mais jovens e esse dado também se associa a maior mortalidade masculina. Tal fator é explicado por especialistas devido ao “maior” cuidado feminino com a saúde devido a maternidade e também pelo fato que os homens estão mais suscetíveis a violência cotidiana por ocuparem em maior parte o espaço público e o mercado de trabalho.

Outra característica das idosas brasileiras está nos questionamentos de alguns papéis sociais. Segundo Goldani (1999), atualmente há um importante movimento de libertação dessas viúvas que não mais permanecem em um luto eterno, isoladas socialmente. Cada vez mais, elas conquistam uma velhice ativa, que ocupa espaços públicos e programas voltados a Terceira Idade, além de viagens, cursos e trabalhos remunerados temporários, busca por novos relacionamentos e por prazer (GOLDENBERG, 2014).

A viuvez, na maioria dos casos, representa ainda um importante fator no quesito econômico, com a expressiva maioria de mulheres que possuem a aposentadoria ou pensão herdadas de seu cônjuge, e as que possuem a própria aposentadoria ganham um valor menor comparado ao sexo masculino. Este fato apresenta sua complexidade ao relacionarmos que as idosas possuem, em número significativo, baixa escolaridade em comparação aos homens de mesma faixa etária. (CAMARANO, 1999; GOLDANI, 1999).

A idosa brasileira, segundo Camarano (2003), se apresenta como um agente de mudança social. Nesse cenário, muitas delas são chefes de família através do desenvolvimento de trabalhos fixos ou temporários, representando um suporte

econômico para suas famílias.

Outro aspecto do envelhecimento refere-se ao ambiente familiar. Neste espaço são reproduzidos em sua grande maioria violências e maus tratos a pessoas idosas, concentrando as estatísticas em mulheres idosas, onde o perfil dos agressores se concentra no filhos e noras das vítimas (Brito da Motta, 2009).

O contemporâneo traz para a velhice desafios e possibilidades para o velho e sua inserção ao meio social. A feminização da velhice nos apresenta idosas como agente de mudanças sociais, tais como: a maioria são chefes de família, viúvas, cuidadoras e estão ocupando cada vez mais espaços públicos (bailes, programas de assistência social, universidades) e buscando novos conhecimentos e novas experiências de vida (NERI, 2014).

Os dados estatísticos, em um primeiro momento, nos parecem trazer uma visão otimista do envelhecer feminino, especialmente do ponto de vista da maior longevidade da mulher. Entretanto, apesar de muitas conquistas, no contemporâneo, ser mulher e velha ainda representa uma dupla estigmatização e violência. Segundo a interpretação de Salgado (2002, p. 9): “A mulher idosa é universalmente maltratada e vista como uma carga. É parte de uma maioria invisível cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, ignoradas”.

Dessa maneira, as duas categorias: ser mulher e ser velha, se apresentam para potencializar esse lugar de invisibilidade e exclusão. Os processos de subjetivação da velhice e da mulher produzem efeitos sobre a existência marcada pela imposição da beleza/juventude como sendo uma marca que faz circular melhor entre pares e outros setores da sociedade. Geralmente, as mulheres que “congelam o tempo” tem mais visibilidade, são mais destacadas e situadas como mais capazes e com mais acessibilidade a contextos de inserção econômicos, midiáticos, de trabalho e no campo social. A ideia de um corpo belo-jovem para a mulher tem muito mais força e imposição do que no universo masculino, colocando-as como inviáveis se não se parecerem jovens – enquanto sinônimo de viver bem.

A autora (Salgado, 2005) afirma, ainda, que a imagem de velhice desperta uma aversão aos mais jovens em relação ao envelhecimento, tanto por seus desafios físicos quanto sociais, culturais e econômicos, construindo uma sociedade orientada para a juventude, sexista e ageísta.

## OBJETIVO

Nosso objetivo com este trabalho foi a reunião de narrativas de mulheres idosas participantes da UNATI sobre suas experiências no envelhecer, buscando refletir e tecer uma análise crítica sobre as vivências do envelhecimento feminino, seus efeitos – seja no corpo e também na subjetividade e desafios enfrentados no contemporâneo.

## MATERIAIS E MÉTODOS

De abordagem eminentemente qualitativa esse trabalho reúne narrativas de idosas colhidas em intervenções nas Oficinas terapêuticas que se realizaram com participantes da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) realizados no campus da UNESP em Assis-SP. A UNATI é um programa institucional vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, de caráter multidisciplinar e permanente, no qual são oferecidos diversos cursos e oficinas voltados para a comunidade local acima dos 60 anos de idade. No campus da UNATI-UNESP Assis, o projeto existe há 24 anos e atende uma média de 230 idosos anualmente. O referido programa visa a inserção de idosos no campus acadêmico com o oferecimento de atividades didáticas, artístico- culturais e de saúde que propiciam o acesso a novos conhecimentos e interesses do segmento etário através de um espaço de convivência e troca de experiências entre gerações.

As Oficinas de Psicologia fazem parte da programação de atividades da UNATI com o nome “Encontros com a Terceira Idade” e têm como objetivo construir um espaço coletivo para troca de experiências e cenário para expressões e anseios acerca da velhice. Oficinas são estratégias de promoção de saúde, auxiliando no processo de envelhecimento tanto no que condiz aos seus desafios bem como em descobertas de potencialidades, especialmente no contexto grupal (DEBERT, 2004; YASUDA, SILVA, 2010; CORREA, JUSTO, 2010; CORREA, JUSTO, ROZENDO, 2013;).

Neste espaço, buscamos disparar perspectivas e narrativas de mulheres idosas no tangente ao envelhecimento de seus corpos. Tais trechos de histórias foram compilados durante a realização de oficinas durante o ano de 2018, as quais são descritas e analisadas sob o viés do diálogo entre psicologia, antropologia e ciências sociais na sequência. Considerando que o indivíduo é um sujeito histórico, imerso em uma cultura, um ator social e também narrador de suas histórias, transmitindo-as de geração em geração, as narrativas surgiram com o objetivo de buscar explicações para a origem da Humanidade e o lugar do homem no mundo, significando a experiência humana.

Este caminho metodológico viabilizou que experiências, sentidos e significações fossem apresentados e interpretados. O recurso metodológico da narrativa permite ao pesquisador aliar ao seu tema de pesquisa uma concepção de indivíduo e de ciência, considerando-o como um “construtor de significados” (HENRIQUES, 2000).

Fonte (2006) nos diz que, por definição, a narrativa é considerada um elemento central por dar voz à experiência do indivíduo, organizando pensamentos e identidades, um conhecimento intrínseco a experiência do existir. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem que lembrar. É a sua memória. (BOSI, 1994, p. 68).

Benjamin (1994) nos traz mais uma associação ao ato de narrar: a valorização das experiências através da memória, pois ao buscar lembranças e partilha-las em grupo, estamos criando uma história não só individual, mas social. Assim, quando

se conta uma história, o narrador passa a construir uma história coletiva com seu ouvinte e cada uma a sua maneira associa fatos, afetos e emoções ao conteúdo, imprimindo sua identidade, “como Bosi (1994) assinala que a pesquisa com a velhice é um campo em potencial para a composição de múltiplas vozes e significados através da metodologia narrativa e da psicologia:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra -se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com característica bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis. (BOSI, 1994, p. 60).

Portanto, a narrativa nos permitiu buscar histórias narradas por mulheres idosas, compilando experiências e memórias, produzindo novos saberes e conhecimentos, numa inter-relação entre indivíduo e sociedade, estando também em consonância com uma política de narratividade, baseados em princípios éticos e com pressupostos científicos que nos permitem um posicionamento enquanto pesquisadores e pesquisados, valorizando a toda a experiência intrínseca a produção do conhecimento.

E, um dos efeitos da passagem do tempo pode trazer é contornar caprichosamente os corpos, imprimindo-os rugas, lembranças, marcas, cicatrizes. Mudanças concretas de um tempo que também é simbólico e complexo, tal como os questionamentos de Rita Maria (66 anos, lembrando que os nomes das participantes são fictícios a fim de preservar eticamente as mesmas.): “*Como aprender a envelhecer? Esse processo de velhice é triste! Qual a beleza da pele enrugada ? Mas pra mim o grande aprendizado é não se comparar, querer ficar adaptando o corpo a um modelo de juventude, de beleza, acho que o grande pecado da humanidade é a velhice*”.

Como apresentado na fala da participante, os efeitos do tempo tornaram-se sintomas para nossas entrevistadas, dentre tais, foram unânimes as prerrogativas que associavam o envelhecimento corporal a questões discriminatórias e preconceituosas. Após muitas análises, nos questionamos: quantos desafios a subjetividade feminina enfrenta ao longo da vida? Essa questão nos levou a refletir acerca das temáticas do envelhecimento, do feminino e dos processos de luto – sejam concretos ou simbólicos – frente a uma sociedade contemporânea que cultua a juventude.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Perdas e ganhos no processo de envelhecimento são questões que envolveram e afetaram muito as participantes.

As narrativas de Sandra (72 anos) e Marina (64 anos) imprimem e reproduzem discursos produzidos sociais e culturalmente de uma velhice permeada por dissabores e sofrimentos, definindo o envelhecer com perdas intensas e frequentes: “*O meu envelhecimento, pelo menos hoje como eu vejo, como eu me preocupo muito de como as pessoas estão me vendo e o que pensam de mim como velha*”. E, de acordo, com

Marina: *“Me identifico muito com mulheres que são guerreiras mas no fundo ainda tenho muita insegurança com o envelhecimento, não queria ficar velha, chorei muito, por que quem quer uma velha por perto?”*.

Indagamos se equalização entre perdas e ganhos pode ser possível. Se de um lado alguns atributos são perdidos outros só podem ser somados através da experiência vivida em anos, como nos conta Ivete (71 anos) sobre suas vivências: *“Sou muito mais feliz e livre na velhice, minha juventude, casamento e vida adulta foram de proibições agora sou livre e essa liberdade me faz ver beleza no meu corpo envelhecido”*. Torna-se importante ressaltar que Ivete também falou de limites e perdas, contudo com o passar dos anos pôde simbolizar e interpretar os sinais do envelhecimento.

O envelhecimento masculino e o feminino são vivenciados de maneiras distintas, ainda que vivam em um mesmo contexto social e cultural. Contudo, podemos observar que as experiências do envelhecer feminino se tornam mais complexas e problemáticas do que a de homens velhos. Tal questão também nos traz registros históricos de padrões de beleza e culto à juventude impostos desde a infância de nossas entrevistadas, onde cabe a mulher obedecer o imperativo de não envelhecer recorrendo a produtos e procedimentos que lhe garantam uma aparência bela, ou seja, uma aparência jovem. Fatos estes comprovados e elucidados Ana: *“Os homens se ficam com o cabelo branco está charmoso, se a mulher ficar está desleixada, doente, feia. A cultura é machista e com velhos é pior”* – Ana Maria, 68 anos.

O tom de pesar impregnado na voz de Virgínia (65 anos) ao pronunciar sua experiência nos alerta para a violenta reprodução de discursos que caracterizam o corpo envelhecido enquanto abjeto e também para o sofrimento causado pela ditadura da beleza jovial: *“Um homem me olhou e disse você está velha e feia, era tão bonita, somos cobradas pelos outros, pelo social, use isso, use aquilo, mas não me perguntam se estou me sentindo bem?!”*.

Ivete, Rita Maria, Virgínia, Sandra e Marina (assim como tantas) são retratos de uma sociedade ageísta, que desencanta os corpos de suas potências simbólicas visando códigos de “boa aparência”. De acordo com Sibilia (2014), a autora nos adverte que apesar de tantas evoluções e aumentada expectativa de vida “novos tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso (...) as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (SIBILIA, 2014, p. 83).

Os olhares e falas dirigidos a Rita Maria nos fazem questionar o quanto é o olhar do outro – seja um indivíduo ou até de uma sociedade – que lhe atribui o envelhecer. Como já nos apontou Simone de Beauvoir (1990) em sua construção, velho “é sempre o outro”, ou seja, é o exterior que nos demarca enquanto envelhescentes e, ainda ressaltamos, o quanto este olhar pode ser estigmatizante e estereotipado. Assim nos relata: *“As rugas são sociais, tenho sempre alguém que me coloca no lugar de velha, mas não no lugar de respeito, mas de defeito”*. As histórias de Rita nos auxiliam a contrapor o quanto as experiências de envelhecer são singulares, em que cada uma imprime seu universo interno, mas também múltiplas, em que a realidade objetiva

se concretiza. Contudo, o estranhamento de se “ver” envelhecida se dá justamente pelo desencontro entre as realidades interna e externa. (BEAUVOIR, 1990, MUCIDA, 2017).

Além de imperativos do mercado da beleza, as mulheres também são marcadas por imperativos da indústria da moda que fragmentam seus corpos com *looks* que são precisamente estipulados a cada faixa etária. Mirian Goldenberg (2014) aponta que estamos em uma fase de transição de conceitos e costumes, mas que as marcas deixadas por tais preceitos ainda devem ser combatidas por muitos anos. Sandra (72 anos) e Marina (64 anos) nos contaram: *“Não tem moda para a terceira idade. O que tem é tudo que não combina, como se não precisássemos de roupa”*, Marina concorda: *“O que tem roupa de vó, e vó usa qualquer coisa”*. Virgínia (65 anos) sempre nos fez questão de dizer que sabia costurar e que ela ditava suas roupas, sua moda e que isso só foi conquistado na velhice.

E nossas participantes representantes da velhice transmitiram o quanto o envelhecimento belo, saudável e prazeroso é possível. Nas palavras de Ivete (71 anos): *“Meu corpo gordinho me mostra o quanto sou feliz hoje, e o quanto no envelhecimento que conquistei minha liberdade e o prazer em viver de acordo com o que quero, com minhas escolhas”*. Já Rita Maria (66 anos) encontrou na velhice seu conceito de beleza: *“Tem dias em que eu acordo e me olho no espelho e penso “estou bonita, aliás, acho que o tempo me fez bem, estou muito bem hoje”*. Suas falas vão de encontro com pesquisas (GOLDENBERG, 2014; NERI, 2013; VERAS, 2014) que militam e consolidam o processo de envelhecimento com olhares transformadores, capazes de buscar soluções, políticas públicas e alternativas para a conquista do bem estar de velhas e velhos brasileiros. Afinal, assim como poetiza Ivete: *“Temos que agradecer por chegar a velhice, antes eu só tinha necessidade, agora tenho vontades... os contratempos me ensinaram que idade é apenas número...os encontros satisfação. Não tenho tempo para rugas”*. Marina (64 anos) nos relata que seus filhos e noras sempre tentam tutelar seus desejos, interditando suas experiências, contudo nossa participante nos repetia em voz alta: *“ Minha vida é muito melhor após ter ficado viúva, já tive cabresto de pai e marido, de filho não”*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejamos com esse trabalho reunir narrativas de mulheres idosas a respeito do envelhecimento a partir do envelhecimento corporal e com elas interpretar e realizar uma análise crítica dos preceitos difundidos sobre a velhice no contemporâneo, dos aspectos concretos aos simbólicos. Através de vivências e experiências foi possível apreender o quanto a sociedade e a cultura reproduzem um discurso normatizador, excludente e estigmatizante para mulheres e em especial idosas. Cabelos brancos, marcas de expressão, ter a pele mais flácida podem trazer surpresas e sustos as

nossas participantes, mas o olhar do outro, como nos assevera Beauvoir (1970) é que deixa marcas profundas na subjetividade, ou seja, no contemporâneo, envelhecer é um sintoma a ser combatido se quaisquer precauções e preocupações com suas consequências. O corpo para algumas ciências e indústria do consumo seguem um padrão estético de perfeição e jovialidade que destroem e encarceram subjetividades e, principalmente, não aceitam as velhices, que por sua vez são estigmatizadas e colocadas à margem da sociedade. Como nos traz uma participante: “*O pecado da humanidade é envelhecer*”. Almejamos que tais narrativas sejam ouvidas por profissionais e ciências atentas ao cuidado de uma velhice digna e respeitada, lembrando a importância do desenvolvimento de pesquisas e propiciar discussões políticas sociais e o quanto a Psicologia é um potente vetor de forças para buscarmos uma sociedade mais justa, responsiva, igualitária e respeitosa com a velhice.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas** v.1, 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221 (escrito em 1936 sob o título *Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows*).

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999, p. 11-40.

BRITTO DA MOTTA, A. **Violência contra as mulheres idosas – Questão feminista ou questão de gênero?** Rio de Janeiro, Congresso da LASA, 2009.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARANO, A. A. Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, IPEA, p. 35-64, 2003. CAMARANO, A. A. (Org.). **Como vive o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CORREA, MR. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85- 7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 1, n. 2, dez. 2010, p. 249-256.

\_\_\_\_\_; JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S. **Os desafios da Psicologia frente ao envelhecimento populacional**. In: EMÍDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. A Psicologia e seus campos de atuação: demandas contemporâneas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 15-50.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DEBERT, G.G. Gênero e envelhecimento. **Estudos Feministas**, 2 (3), pp. 33-55, 2004.

FONTE, C. A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. **Psicol. teor. prá.**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 123-131, dez. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151636872006000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872006000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 jul. 2017.

GOLDANI, Ana Maria. “Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros”. Em CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro, Ipea, 1999, pp. 75-114.

GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

HENRIQUES, M. **Narrativas e agorafobia: construção e validação de uma narrativa protótipo**. Dissertação (Doutoramento em Psicologia)—Universidade do Minho, Braga, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Resultados da Amostra do Censo Demográfico**. (2010). Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: juh. 2018.

MINAYO, M. C. S. Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira. In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Org.). **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2 ed. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NERI, A. N. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

POCAHY, F. A Idade: um dispositivo. A geração como performativo. *Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade*.

**Polis e Psique**, Vol.1, Número Temático, p. 195-210. 2011.

SALGADO, C. D. S. A mulher idosa: feminização da velhice. **Estud.**

**interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele

lisa e a censura midiática da velhice. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impreso), v. 9, p. 83-114, 2012.

TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós : Gerontologia**, [S.l.], v. 11, n. 1, jan. 2010. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2509>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 155-168, jan-mar 2008.

SILVA, C. C. F. M. e. **Os avós e os netos**: um encontro de diferentes tempos verbais. 2014. 113 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113799>>.

VERAS, R. **Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações**. In: VERAS, R. (Org.) Velhice numa perspectiva de futuro saudável. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001, p. 11-32.

YASSUDA, M. S.; SILVA, H. S. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 27(2), 207-214, abril – junho 2010.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-276-0



9 788572 472760